



“E sonhos não envelhecem¹”... por **Fabiana Castro Carvalho de Barros**

Professora de Língua Portuguesa do IFF Campus Itaperuna | <http://lattes.cnpq.br/1112809267048425>

Quando a professora Josélia me convidou para produzir um texto para os diálogos pedagógicos que ela está organizando, aceitei prontamente, porém não iniciei a tarefa imediatamente. Quando o assunto é o IFF Itaperuna, gosto de refletir e deixar a passagem do tempo me conduzir. Assim, chego ao dia de hoje: 23 de março, aniversário do nosso campus. Sinto que não há melhor data para escrever meu relato. Então, eis-me aqui. Nesse texto, falarei um pouquinho sobre a minha experiência como professora, de modo geral, e a minha experiência no IFF Itaperuna, mais especificamente.

Em primeiro lugar, preciso destacar que a docência não me cativou de imediato. Na verdade, eu sempre soube que minha área de atuação seria a de Linguagens, mas não sabia

que seria professora. Foi durante o estágio no Coluni e durante o cursinho do DCE, lá na UFV, que comecei a pensar seriamente na possibilidade de ser professora. Sim, eu já estava no último ano da licenciatura e ainda pensava que trabalharia com revisão textual ou algo do tipo. Mas estar no ensino médio como licencianda mexeu comigo. Perceber que poderia contribuir para que aqueles jovens pudessem realizar seus sonhos por meio dos estudos realmente trouxe brilho aos meus olhos.

No entanto, nossa prática nem sempre é como idealizamos. Apesar de ter aprendido muito na rede estadual e na rede privada, na maioria das vezes atuando no ensino fundamental, eu sentia que não estava conseguindo falar a

¹Clube da Esquina II - Milton Nascimento, Márcio Borges e Lô Borges

mesma língua dos alunos (o que era uma aflição gigantesca, já que sou professora justamente de Língua Portuguesa!) Como ensinar algo que fizesse sentido para eles? A gramática tradicional, presente em todos os livros didáticos com os quais trabalhei, não parecia fazer a diferença para aquelas crianças e aqueles adolescentes... Naquela época, eu não era tão fã de Literatura como hoje. Como poderia incentivá-los a ler se eu mesma precisava de incentivo?

Foi aí que o IFF me apareceu. Eu acompanhava aquela obra, semanalmente, quando viajava para lecionar no Espírito Santo e em Minas Gerais. O IFF Itaperuna conquistou meu coração antes mesmo de os prédios serem concluídos! Eu passava por ali e paquerava a plaquinha do Instituto Federal Fluminense. Pedia, no meu coração, que Deus me desse a oportunidade de trabalhar nessa instituição, porque eu sabia que aqui eu poderia redigir um texto diferente daqueles que eu vinha escrevendo

nas minhas outras atividades laborais. Sabia que aqui as minhas leituras seriam outras. Sabia, de alguma maneira, que aqui as coisas fariam mais sentido para mim e para os estudantes.

Hoje, quando olho para trás, vejo que não me enganei. Aqui é possível produzir textos brilhantes no dia a dia da sala de aula. E eu não falo só das redações incríveis que nossos alunos produzem no ENEM, cujas notas nos enchem de orgulho. Isso também! Mas não, não é só isso... Aqui é possível realizar projetos de extensão que vão além dos muros da escola. Quantas comunicações orais e apresentações de banner produzimos! É possível dialogar com a comunidade, trazer as escolas municipais e estaduais para perto, enxergar sua realidade e trabalhar em parceria. Aqui fazemos pesquisa de maneira séria e comprometida com alunos dos mais diversos níveis de ensino (médio, superior, especialização)...

Eu vejo a tão falada verticalização do ensino acontecer quando nosso aluno do curso técnico faz o curso superior e segue no mestrado/doutorado, algumas vezes voltando para trabalhar conosco após a aprovação no concurso. Para muitos, essa instituição abriu as portas do primeiro curso superior da família! Se cada egresso tivesse a oportunidade de “escrever uma redação” sobre sua história nesta instituição, tenho certeza de que a professora Josélia teria livros e mais livros para organizar e publicar, porque são muitos os relatos de superação e sonhos realizados, apesar das dificuldades e das lágrimas pelo caminho, porque sabemos que não é fácil. Como eles dizem, “o IFF é uma prova de resistência!”

Vale destacar que estar aqui não é complexo só para nossos alunos. Também nós, professores, somos desafiados todos os dias a buscar nossa melhor versão como educadores e como sujeitos de nossa história. Em nossa prática pedagógica,

a cada plano de ensino, uma nova janela se abre. A cada projeto submetido, uma nova oportunidade para incentivar a leitura e a escrita se apresenta. A cada evento acadêmico ou cultural (e nosso campus organiza muitos, diga-se de passagem), um novo diálogo se estabelece entre os colegas e as instituições vizinhas. Ensinamos? Sim! No entanto, aprendemos muito mais quando atuamos como mediadores no processo de ensino e de aprendizagem.

Quando me pego a refletir sobre minha prática, hoje fundamentada na leitura e na produção de gêneros textuais diversos, conseguindo colocar em prática textos teóricos que li há alguns anos, lá na graduação, na especialização, no mestrado, e que estou lendo também agora no doutorado, percebo que piso um solo sagrado, um lugar privilegiado, que faço parte de uma equipe incrível, que arregaça as mangas e

coloca a mão na massa: Redação Nota IFF, Literature-se, Clube de Leitura, Academia de Letras do campus e Jornal IFFolha Itaperuna são apenas alguns exemplos de atividades de leitura e escrita que são realizadas no cotidiano escolar e que impactam positivamente nossa atividade-fim.

Aqui e agora, para mim, tudo faz sentido! Não se trata somente de ensinar um projeto de texto dissertativo-argumentativo, conforme o Manual de Redação do ENEM, com repertório sociocultural pertinente e legitimado, dividido em introdução, desenvolvimento e conclusão. Trata-se de estimular a autoria, a leitura de mundo, que precede a leitura da palavra (conforme Paulo Freire), o uso produtivo desse repertório riquíssimo que nosso campus coloca à disposição de todos, começando na sala de aula, mas indo além dela. Trata-se de elaborar propostas de intervenção para os problemas da sociedade, assumindo nosso papel como agentes de transformação, ca-

pazes de atuar criticamente, a fim de exercer nossa cidadania não somente no papel...

“E lá se vai mais um dia...” Afinal, são 16 anos de IFF campus Itaperuna. Estou certa de que, se cada um de nós reservar um tempinho para refletir e redigir, teremos muitas produções textuais com narrativas interessantíssimas a serem compartilhadas. Por fim, só me resta agradecer. Assim, agradeço ao IFF, que mudou minha prática e me ajudou a produzir sentido para tudo que me acontece nesta instituição. Agradeço aos meus colegas, sobretudo às meninas da área de Letras, que me incentivam a ser uma professora/pessoa melhor sempre. Agradeço aos meus alunos, que acreditam em mim quando eu digo que eles são capazes, que dão o melhor de si e se superam a cada dia - vocês são incríveis!

Agradeço a você, que chegou ao final desse texto. Obrigada pela atenção!